

# Jesus Cristo, o Salvador único e universal

Pe. Dr. Hélcion Ribeiro

Professor de Teologia Sistemática, Curitiba

**E**ste texto se propõe, de modo iniciativo, provocar no leitor uma vontade de compreender melhor o papel salvífico único e universal de Jesus Cristo, também através de outras religiões. Ao mesmo tempo, expondo algumas idéias que vão corporificando a nova "Teologia cristã das religiões", espera poder subsidiar atitudes pastorais "macro-ecumênicas".

A salvação única e universal em Cristo é tema importante entre teólogos - sobretudo entre aqueles que se defrontam com as grandes religiões. Mas também a preocupação está na Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, que há pouco tempo fez publicar, através de sua Comissão Teológica Internacional, o documento "Cristianismo e Religiões".

## 1. O CRISTO NO PLANO DO PAI

O nosso é um Deus que tudo criou e sustenta por amor livre e gratuito. Além de Criador, Ele é Salvador: quer que todos os filhos e filhas se realizem plenamente - por meio e à imitação de seu Filho - assemelhando-se a Ele. Mas, o Deus Criador e Salvador também se revela. Ele se anuncia e se faz amar porque é Amor. Para isso, usa uma pedagogia própria, que leva em conta as pessoas e grupos a quem quer se revelar. Assim, de modo original, a Trindade se revelou aos seres humanos primeiramente como Pai; depois, como Deus humanizado, Jesus de Nazaré; e, finalmente, como Espírito Santo. Deus se revelou e nós, os cristãos, O conhecemos como Unidade Trina - mesmo que envolta em véus - segundo nossas atuais capacidades. Experimentamos de modo explícito e histórico a Trindade Una. E porque sabemos disso, temos uma verdade de vida a transmitir: em Cristo, pelo Espírito, somos filhos adotivos do Pai. Anunciamos esta verdade bem como a totalidade do plano divino.

O plano salvífico de Deus - que está centrado em Jesus Cristo e é verdadeiro - nos impõe a tarefa evangelizadora de anunciá-lo universalmente. Por causa da revelação e da fé, estamos em condição de

dar-lhe o nome e significado verdadeiros, universalizando a Boa-Nova. Isto não nos é impossível e nem tão difícil. Mas, o problema básico é a aceitação desta mensagem por outras pessoas e suas religiões. Budistas, islâmicos, xintoístas e outros, estão também convictos de sua fé e têm a certeza da verdade religiosa do Budismo, do Xintoísmo, do Islamismo etc.

## 2. A COMPREENSÃO DO CRISTO EVOLUI NA HUMANIDADE

O concílio Vaticano II reconhece que, no coração de todas e quaisquer pessoas, independentemente de sua tradição religiosa, Deus está presente e quer salvá-las. Deus quer salvar a todos e em comunidade (cf *Lumen Gentium* 1-2). É vontade divina que a salvação seja universal. Mas, ainda mais: Ele quer que toda salvação seja intermediada por Jesus Cristo, o crucificado/ressuscitado, constituído Senhor à sua direita.

Há um certo costume católico (pequeno) de pensar Jesus Cristo como sua "propriedade exclusiva". O Espírito Santo, porém, o defensor de Jesus diante da Igreja e do mundo, nos impede esta ghettoização. Antes, o Espírito tende sempre a universalizar Jesus e sua missão. Jesus é único, mas constituído Salvador de todos, pelo Pai de todos.

A paternidade e a salvação divinas atingem também a outros, bem como às religiões diversas do cristianismo. Nós afirmamos que igualmente para eles - e até através de suas próprias tradições religiosas - Jesus é a mediação salvífica singular e universal.

---

*"A compreensão cristã da salvação de todos passou a produzir, nas últimas décadas, uma Teologia das religiões"*

---

Concordarão eles com a nossa assertiva e com o próprio fato? - Evidentemente que, a primeiro aviso, não terão razões para isto. Bem pelo contrário. Então, a proclamação e a pregação desta nossa verdade a outros homens e mulheres - bem como às suas religiões - não será uma resquício de proselitismo ou imperialismo cultural da Igreja? Não há aí uma vontade de convertê-los, por vias indiretas? Como reagirão eles, que também são honestos e sinceros e têm suas religiões também como tais?

Se a salvação pessoal deles não é mais problema para a Igreja católica, o mesmo não se tem podido dizer normalmente das tradições religiosas que eles seguem. Neste sentido, a compreensão cristã da salvação de todos passou a produzir, nas últimas décadas, uma "Teologia das religiões". Tal Teologia recebeu impulso tanto do Vaticano II e dos últimos papas, quanto das plurais relações religiosas. Com Paulo VI, a Igreja passou a falar em "diálogo religioso". E esta idéia desde então corre crescentemente nos círculos teológicos, sobretudo onde estão presentes as grandes religiões. Como é natural, a Teologia católica das religiões está mais avançada que o Magistério (ela pode ensaiar mais ousadamente). Não se pode, porém, ignorar o enorme contributo - teórico e prático - de João Paulo II.

A globalização do mundo vem evidenciando o pluralismo religioso com as verdades, valores e práxis de cada grupo. Deste modo, todavia, mesmo tendo apreço pela plurissemia religiosa, será verdade que o anúncio de Jesus Cristo, como *único Nome através do qual Deus salva* (cf At 4,12), tem sentido?

As respostas são várias e em esquemas diversos. Os mais clássicos propõem uma taxionomia em três ou quatro níveis.

---

*"O Espírito Santo de Deus está presente em todos os povos da terra desde o início"*

---

Assim, um: eclesiocentrismo, cristocentrismo, e teocentrismo; outro: exclusivismo, inclusivismo, e pluralismo; outro ainda: 1) proposta cristocêntrica com uma cristologia exclusiva; 2) proposta cristocêntrica com

uma cristologia inclusiva; 3) proposta teocêntrica com uma cristologia normativa; e 4) proposta teocêntrica com uma cristologia não normativa.

A nível de eclesiocentrismo e/ou exclusivismo ter-se-ia necessidade de um conhecimento explícito do Cristo e a pertença à Igreja como exigência para a salvação. Aí valeria o antigo axioma teológico: *Fora da Igreja não há salvação*. O cristocentrismo ou o inclusivismo tende a harmonizar dois princípios neotestamentários: a vontade divina da salvação objetiva

e universal e a imprescindível mediação de Jesus como único Salvador (cf 1Tm 2,5).

O terceiro nível - teocentrismo ou pluralismo religioso - crê que Deus se manifestou e se revelou aos diferentes povos, segundo suas situações e através de formas peculiares. Assim, Deus salva os cristãos por meio de Jesus Cristo, enquanto outras tradições têm seus próprios caminhos. A questão básica na discussão é, portanto, a mediação única e universal.

### **3. CRISTO, PRESENTE NA TRADIÇÃO RELIGIOSA DOS OUTROS?**

---

A postura positiva dos teólogos imediatamente pré-conciliares ajudou os bispos do Vaticano II a não só rejeitarem o *Extra Ecclesiam nulla salus* (eclesiocentrismo ou exclusivismo), mas também a afirmarem a "salvação de todos os homens e mulheres de boa vontade, em cujos corações a graça opera de modo universal (cf *Gaudium et Spes* 22,5). Contudo, para além da possibilidade de salvação individual fora da Igreja, o Concílio de modo positivo afirma existirem nas próprias tradições religiosas dos diferentes povos "sementes do Verbo" (*Ad Gentes* 11,15), "um raio desta Verdade que ilumina todos os homens" (*Nostra Aetate* 2), "elementos de verdade e de graça" (*Ad Gentes* 9) etc. Mesmo não afirmando positivamente serem as tradições religiosas meios válidos de salvação para seus membros, o Concílio parece mover-se nesta direção. João Paulo II reconhece explicitamente a ativa presença do Espírito Santo na vida religiosa dos membros de outras tradições, pois *o Espírito sopra onde quer* (Jo 3,8).

Diante do pluralismo religioso - que se fundamenta no teocentrismo mas esvazia a totalidade do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo - a Teologia cristã das religiões vê uma reciprocidade entre o teocentrismo e o cristocentrismo: foi Deus mesmo quem colocou Jesus no centro de seu plano salvífico, não só como fim, mas também como caminho; não só como meta, mas também como mediação. No debate teológico das religiões, tem-se evoluído de um cristocentrismo que percebia a salvação dos membros de outras tradições religiosas por Cristo, mas fora delas ou apesar delas (teoria da realização: só Jesus revela e realiza plena e definitivamente o ser humano), para um cristocentrismo que percebe a presença de Jesus Cristo nas próprias tradições religiosas (teoria da presença do Cristo). As tradições são então compreendidas como caminhos de salvação para seus membros, mas não sem uma relação obrigatória e constitutiva com o mistério do Cristo Salvador, já presente e ativo nelas por meio do Espírito Santo.

O Espírito Santo de Deus está presente em todos os povos da terra desde o início, preparando-os para receberem o Salvador. Ele prepara a humanida-

de, seus grupos, clãs ou nações, em suas religiões. Preparou o povo de Israel e depois os seguidores de Jesus. Noutros povos - através de suas tradições religiosas e por caminhos que não nos são revelados - o Espírito age preparando-os para receberem o Cristo e serem salvos por Ele e através dele.

A própria história faz com que as tradições religiosas, muitas vezes, mais do que revelem, escondam a realidade do Cristo aí presente. Contudo, o Espírito as faz agir dentro de uma prática sincera, de uma experiência religiosa autêntica, de um verdadeiro encontro com Deus - apesar de seus limites e deficiências.

Deste modo, no plano de Deus, Cristo ocupa o centro desde o início. Desde antes da criação, o Pai o estabeleceu como único e universal Salvador. Como já ensinava Santo Ireneu, fomos criados para ele ser o nosso Salvador. Assim, toda a história (e não apenas a da Igreja ou dos povos de Deus) é *história de salvação*, e o Cristo de Deus, feito homem por nós e entre nós - é a *Palavra definitiva do Pai* (cf Hb 1,1s). Ele é o centro, e tudo o mais lhe está subordinado. O Cristo total, único e universal, leva consigo a carne humana já ressuscitada, mas conserva sua grandeza cósmica e divina. Nós O reconhecemos não apenas como Jesus histórico.

O Espírito revela constantemente isto no cristianismo, enquanto nas outras tradições usa uma pedagogia em que, respeitando a evolução da fé, revelará oportunamente o que ainda está latente: o *Cristo, Salvador de todos*.

#### CONCLUSÃO. PARA UMA PRÁTICA ECUMÊNICA...

A Teologia cristã das religiões abre, a partir do exposto acima, espaço para a prática pastoral ecumênica.

mênica. Esta exige por natureza o diálogo. Diálogo inter-religioso que - como ensina um documento do Secretariado para os não-crentes, de 1984 - tem quatro formas básicas: diálogo de vida, acessível a todos; diálogo de empenho nas obras de justiça e libertação; diálogo intelectual entre especialistas; e diálogo de partilha de experiência religiosa na busca comum do Absoluto.

A realidade pastoral nossa, no Brasil, objetivamente, não tem tido significativos contactos com as grandes religiões. Por vezes, isto acontece diretamente com os próprios crentes. Todavia, vale perguntar: não teremos nós que dialogar com religiões menores que estão entre nós? Será que o Espírito Santo não pode revelar-nos a presença do Cristo entre elas, preparada já de há muito?

A nossa missão de anunciar o Cristo a todos não nos faz, por acaso, procurar os espíritas, os dos cultos afro-americanos etc, sem necessária e aprioristicamente querer trazê-los para o seio sociológico da Igreja católica? Propor Jesus Cristo como Salvador único e universal não é só buscar a verdade, mas também procurar encontrá-lo, movidos pelo Espírito Santo, em todos os lugares em que Ele possa estar.

#### Endereço do Autor:

Paróquia dos Sagrados Corações  
rua Presidente Rodrigo Otávio, 1650  
80040-230 CURITIBA - PR

#### MENSAGEM DO DIRETOR

No contexto de preparação para o grande jubileu do ano 2000, o ITESC inicia 1997 também em clima de preparação para o seu pequeno, mas muito significativo Jubileu de Prata. Este é o nosso vigésimo quinto ano de existência. Dia 10 de janeiro de 1998 estaremos completando 25 anos. A comissão Jubilar, formada por professores e alunos, certamente haverá de montar uma programação celebrativa à altura do evento e de sua significação para toda a Igreja de Santa Catarina.

A palavra "jubileu", como é sabido, evoca a idéia de alegria. Em Israel o ano jubilar era proclamado, vivido e celebrado sob intenso júbilo e em meio a grandes solenidades. O jubileu era também a oportunidade em que o povo de Israel fazia um revisão de vida, tendo como referência os compromissos assumidos com Jahvé por seus antepassados. Não pretendia, porém, cultivar saudosismos. Mais do que celebrar um passado longínquo, o ano jubilar propunha um olhar para o futuro.

Certamente este vai ser o espírito que orientará nossas atividades aqui no ITESC, durante este ano de 1997. A fé, o amor à Igreja, a seriedade nos estudos e o idealismo dos que nos precederam haverão de, como raios de luz, nos acompanhar.